

INTERFACES ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Dr. João Carlos da Silva  0000-0002-9322-8754
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO: O presente artigo discorre sobre as relações entre memória e história da educação, a partir das contribuições de Le Goff (2013), Nora (1993) Halbwachs (2003) e Ricoeur (2007) entrelaçando os elementos entre a história da educação, memória e esquecimento. Discute as possibilidades e desafios, na operação historiográfica, entre a memória e o campo educacional. A pesquisa acerca do tema vem abrindo caminhos para novas investigações, contribuindo para as pesquisas da História da Educação, enquanto disciplina científica. Para a compreensão da história da educação elegemos a importância da memória e de arquivos e fontes históricas. Abarcar a memória como objeto norteador da pesquisa historiográfica torna o trabalho do historiador da educação fundamentado socialmente. As fontes e arquivos históricos são essenciais para o exercício do historiador, ferramentas de grande relevância na investigação histórica. É relevante que a sociedade compreenda, conheça e preserve sua memória educacional, como um compromisso diária de preservação, onde pesquisadores e agentes escolares devem garantir a manutenção e cuidado com as fontes.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação; História; Memória.

INTERFACES BETWEEN MEMORY AND HISTORY OF EDUCATION

ABSTRACT: This article discusses the relationship between memory and the history of education, based on the contributions of Le Goff (2013), Nora (1993) Halbwachs (2003) and Ricoeur (2007), interweaving the elements between the history of education, memory and oblivion. It discusses the possibilities and challenges, in the historiographical operation, between memory and the educational field. Research on the subject has been opening the way for new investigations, contributing to research in the History of Education, as a scientific discipline. In order to understand the history of education, we chose the importance of memory and archives and historical sources. Embracing memory as the guiding object of historiographical research makes the work of the historian of education socially grounded. Historical sources and archives are essential for the historian's practice, tools of great relevance in historical research. It is relevant for society to understand, know and preserve its educational memory, as a daily commitment to preservation, where researchers and school agents must guarantee the maintenance and care of the sources.

KEYWORDS: History of Education; History; Memory.



1 INTRODUÇÃO

É possível compreender a história da educação a partir sua relação com a memória? Esta questão lança desafios aos profissionais da área. *Mnemosine*, a divindade grega guardiã da memória, considerada uma das deusas mais poderosas e conhecidas da época frente aos perigos do esquecimento. Termo originalmente formulado pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945) é definido pelo autor como sendo o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade, como processos sociais, tendo como referência as experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade (2003).

Vivemos tempos de distopias, mas também, de valorização das memórias guardadas, acalentadas pela esperança, satisfação, também pelos embates, tensões entre aqueles que operam a educação. Quem são e em nome de quem esses atores estão lembrando, burilando a memória? Na maioria das vezes, sujeitos simples, esquecidos pelos poderes públicos locais e regionais.

Em “Memória Coletiva”, publicado postumamente em 1950, pela Editora Centauro, no prefácio, Jean Duvignaud, afirma que para Halbwachs é impossível conceber o problema da recordação e da localização das lembranças quando não se toma como ponto de referência os contextos sociais reais que servem de baliza a estas reconstruções que chamamos de memória. O termo memória aparece como conceito polissêmico, expressando diferentes significados e comportando diversos sentidos.

A pesquisa acerca do tema vem abrindo caminhos para novas investigações, contribuindo para as pesquisas da História da Educação, enquanto uma disciplina científica, tem se consolidado nos últimos anos, sobretudo a partir de diálogos intercâmbios estabelecidos entre pesquisadores de diferentes lugares e áreas de conhecimento.

Nos últimos anos o campo da História da educação vem passando por uma pluralidade teórica e multiplicidade dos objetos sobre os quais os pesquisadores vêm



buscando investigar, mediante estabelecimento de diálogo com diferentes saberes, especialmente com as ciências sociais, na diversificação de fontes, na seleção dos objetos de pesquisa bem como na forma de abordá-los.

Tal movimento se expressa também na criação e valorização dos museus e centros de memória na preservação daquilo que passamos a considerar como patrimônio material e imaterial, resultado da aproximação dos historiadores da educação com as contribuições da chamada Nova História desenvolvimento da historiografia contemporânea e de seus representantes clássicos entre eles Le Goff (2013), Nora (1993) Halbwachs (2003) e Ricoeur (2007).

Fomentar as discussões a respeito dessa modalidade de ensino, que, apesar de ter obtido espaço expressivo dentro do meio acadêmico nas últimas décadas, ainda é um campo pouco explorado, possibilitando indagações que propiciam a análise do processo de desenvolvimento social e educacional dessas instituições, permitindo um diálogo pleno entre a academia e a comunidade¹. A memória é a mais épica de todas as faculdades, fonte de história e conhecimento e não meras reminiscências daquilo que nos causou dor, prazer e sofrimento. Benjamin (1994) alude que a arte de narrar está em vias de extinção, pois são cada vez mais raras as pessoas que dominam esta arte, sentencia o filósofo alemão.

Podemos também revisitar a memória histórico-educacional mediante coleta de dados revisão literária e documental de obras, periódicos e arquivos. A memória também é relacionada em compreender como o sistema do capital tem se servido da educação institucionalizada para produzir/reproduzir ideologias via processo de agenciamento da memória social e como afirma-se enquanto mecanismo de perpetuação das contradições. Ao mesmo tempo, em que essa própria educação pode se apresentar, de maneira contraditória, uma produção da memória social alternativa contra-hegemônica.

Para a compreensão da história da educação podemos destacar a importância da memória e de arquivos e fontes históricas. A valorização da memória e o combate contra amnésia, é de grande relevância no trabalho do historiador da educação. O passado, tal como a memória são elementos primordiais da história. É nessa questão também que as



fontes que possibilitam o trabalho de uma pesquisa ser construída. As fontes e arquivos históricos são essenciais para o exercício do historiador, ferramentas de grande relevância na investigação histórica.

No sentido de preservar esta memória, surgiram nos últimos anos diversos estudos sobre a História da Educação na região Oeste do Paraná, com o intuito de preservar as fontes e arquivos que guardam a história e a memória oral e escrita das instituições. Pesquisadores, professores e a comunidade vêm reunindo esforços na catalogação de documentos, buscando proteger a história educacional.

As pesquisas em História da Educação têm contribuído intensamente para os estudos relacionados à escola como lugares de memória. Grupos de pesquisa articulados junto aos programas de Pós-Graduação têm desempenhado esforços e inúmeros trabalhos como dissertações, teses e monografias que contribuem para a pesquisa da memória no Brasil. Houve, entre os pesquisadores, uma maior busca por esse entendimento, principalmente a partir dos anos de 1990, relacionando a sociedade com a escola. Hoje, as pesquisas sobre a memória escolar buscam um novo olhar para os estudos das constituições históricas da escola e suas transformações sociais.

Vale destacar as contribuições do Grupo de Pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil, GT Oeste do Paranáⁱⁱ (HISTEDOPR)ⁱⁱⁱ, que desde 2003, busca o levantamento, a organização e a catalogação de fontes primárias e secundárias para a História da Educação na Região Oeste, resultando em trabalhos entre artigos, monografias e dissertações.

O presente artigo discorre sobre as relações entre memória e esquecimento na pesquisa, está organizado em dois momentos que se complementam. No primeiro, abrimos considerações sobre memória no contexto das pesquisas em história da educação. No segundo momento, analisaremos a memória e esquecimento nas relações com a pesquisa de fontes para a história da educação.



2 APONTAMENTOS SOBRE MEMÓRIA

A pós-modernidade vem criando novos significados sob a égide das novas tecnologias e um certo esvaziamento do ideário de memória e do seu sentido coletivo. Nesse sentido, as “novas abordagens” sobre a História procuram subtrair-lhe a dimensão do conflito, homogeneizando as relações sociais, disseminando o silenciamento acerca do passado, de forma a naturalizar a exploração e a dominação. Não por acaso, o desencanto com o “progresso” e a crise dos paradigmas da racionalidade vem gerando posturas que procuraram demonstrar a “impossibilidade” de se conhecer o passado. A pós-verdade é um sintoma neste cenário.

Tal cenário vem mostrando uma realidade de fragmentação da informação, pelo entrelaçamento entre cultura e comunicação, e da valorização das imagens, onde o “novo”, de hoje, torna-se o “velho”, o descarte de amanhã. Frente a este contexto, novas tendências de investigar e pensar a realidade são anunciadas, por meio de um processo de desideologização do passado.

A rigor, duas correntes historiográficas vêm delineando os estudos históricos na contemporaneidade: o Marxismo e a Nova História. Ambas se rivalizam e se encontram dependendo dos recortes temáticos. Conflitos, confrontos e confluências têm sido uma marca nos últimos anos entre essas duas posições, com olhares mútuos de desconfiança. Nos últimos anos, foram colocados a prova os conceitos do materialismo histórico-dialético, bem como as abordagens metodológicas dos Annales. Alguns advogam esse desfecho buscando confluências^{iv}.

A História mudou muito de conteúdo, principalmente na forma como ela é vista e trabalhada pelos historiadores de ofício. É claro que depende do momento histórico e do enfoque que é dado à História. Nas últimas décadas costuma-se dizer que a História é formada por diversos campos, constituindo-se em diversas experiências profissionais e acadêmicas.



Nos campos da História e memória destacamos as formulações de Le Goff, (2013), Nora (1993), Halbwachs (2003) e Ricoeur (2007) no enriquecimento dos conceitos de memória, em especial no que se refere a memória social e coletiva - ou como alguns autores atuais preferem chamar, de “memória compartilhada”.

A memória não pode ser considerada um conceito estabelecido e, muito embora os autores citados contribuíram para defini-la em um contexto histórico, as transformações da sociedade agregaram-na novas definições. Nora apresenta uma discussão no início do século XX sobre espaços de memória, concretizando-a, sem, no entanto, desconsiderar o simbolismo desse conceito. Parte nesse momento de novas rupturas da memória e abordagens dos estudos desta, não mais como um elemento único, mas, como uma manifestação social.

A memória coletiva, assim é definido por Le Goff (2013, p. 95):

Memória coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém.

Halbwachs a partir de suas obras clássicas Quadros sociais da memória (1925) e Memória Coletiva (1952), alude que os estudos da memória devem levar em conta os contextos sociais como baliza na elaboração daquilo que denominamos como sendo memória. Segundo o autor, a sós ou acompanhados, estamos sempre vinculados á sociedade, seja como membro de uma classe, mas simultaneamente estamos ligados a determinados laços ou círculos de convivências.

Em se tratando de lembranças jamais estamos sós, sentencia o autor. Isso não significa estar presente fisicamente, mas ao rememorarmos experiências vividas, sempre nos referimos a presença de alguém. Assim, ao longo da vida, fizemos parte de grupos de memória, nos mais diferentes ambientes: família, trabalho, vida social. No processo de



reconstituição dos acontecimentos, necessitamos apropriarmos da memória dos outros (Halbwachs, 2003, p. 39).

A memória individual vive imersa a um coletivo, mediante a uma trama de relações, não havendo assim, uma memória isolada, por si mesma. Portanto, não é possível, pensar em nós mesmos senão em relação ao(s) outro(s). Sempre estaremos recorrendo a alguém ou a um grupo no qual pertencemos.

A memória é fonte da história e, ao mesmo tempo, instrumento de subversão, de resistência, de poder. Segundo Le Goff, uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades é tornarem-se senhores da memória, uma vez que “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (Le Goff, 2013, p. 426).

Le Goff, assim expressa o sentido emancipador da memória: “A memória na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (Le Goff, 2013, p. 471).

Neste campo, Halbwachs define a memória individual e coletiva. A primeira pertencente a uma dimensão mais pessoal, de foro íntimo. A segunda designa aquelas recordações que adentram no círculo das preocupações mais comuns ou de interesse mais geral. Todavia, ambas se interpenetram ou se complementam, pois nunca estarão isoladas, pois expressam as marcas do social, isto é, do humano. Muitas vezes temos uma forte tendência de recordar aquilo que nos provocou um impacto emocional. Para a neurociência, o passado está inteiro em nossa memória, mas em razão dos mecanismos de funcionamento de nosso cérebro, não possibilita que evoquemos todos os detalhes da parte inconsciente.

Não somente em sentido histórico pode-se compreender as diversas facetas da memória, mas também em sua semântica. Nora (1993), por sua vez, afirma que a memória é a vida, carregada pelos grupos vivos e neste sentido está em constante evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, não tendo consciência das suas deformações



sucessivas e ainda a memória se torna vulnerável as manipulações. O autor outrora alega com base em Hobsbawm que “há tantas memórias quanto grupos existem” e “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido sempre no presente”. Mais adiante o autor conclui “a árvore da memória e a casca da história” (Nora, 1993, p. 09).

Como podemos entender nas afirmações de Nora, que a memória não é a história em si e sim um objeto de estudo desta. Neste caso um recurso que o historiador utiliza na compreensão dos acontecimentos humanos em sociedade. Le Goff indaga que: “Tal como o passado não é a história mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica” (LE GOFF, 2013, p.49).

É possível considerar a memória humana como uma espécie de aglomerado de pensamentos, guardados, compostos pelos mais diversos sentimentos: são lugares, espaços, pessoas, acontecimentos, traumas, percepções, sons e aromas. Esses sentimentos, reunidos e combinados em uma lembrança aos poucos se transformam em memória. Mas como então reunimos essas memórias e porque a consideramos memórias?

Sendo a memória carregada de sentimentos, Izquierdo (2014) ressalta que os estudos relacionados a neurociência descrevem que eventos traumáticos ou de grande euforia são mais fáceis de recordar ou seja, todos recordamos por mais tempo e em maior detalhe acontecimentos que ocorreram com um forte grau de alerta emocional.

Benjamin (1994) considera que a sociedade industrial é danosa para a memória, provocando o declínio da contação de história, ao instaurar uma ordem pragmática, centrada na produção em grande escala, no consumo, no descarte desvalorizando todo o resto, inclusive a memória. O triunfo da sociedade de massas, coisificou o homem e alienou sua memória. Na tradição marxista, a memória está ligada à sua utopia revolucionária, a seu projeto de transformação da sociedade na sua própria concepção de história. Estamos, neste caso, considerando a dimensão ideológica da memória, as lutas que são travadas cotidianamente no campo da memória a partir dos interesses divergentes, contraditórios das classes sociais. Assim como a ideologia está presente em todas as lutas pelo controle



da dinâmica social se manifesta também no campo da memória, isto é, um território em disputa.

Segundo Stephanou e Bastos (2011) A questão da memória também tem se colocando como um tema importante nos estudos históricos contemporâneos, cujo assunto encontra-se imbricado em diferentes concepções em torno da relação indivíduo e sociedade. Ainda é muito recente a memória como objeto da história da educação. Isso porque, explicar o passado, preenche dos acontecimentos humanos, em função do presente, seja talvez a principal função social do pesquisador. Mediante suas fontes, o desafio do historiador consiste, dessa forma, em dar significado às atitudes, valores, intenções e convenções que fazem parte das ações humanas.

Evidencia-se nesse campo de estudos a tentativa de buscar diálogos sobre a memória a partir das lembranças e experiências passadas, nas reconstituições do tempo. Segundo Halbwachs:

(...) as lembranças, a partir da memória e convívio do cotidiano, vão se constituindo em paisagens que enquadram cenários, onde os sujeitos num determinado espaço-tempo constroem pela memória coletiva a memória individual, uma vez que as recordações individuais estão envolvidas nas noções e imagens dos meios sociais (Halbwachs, 2003, p. 26).

É sabido que os documentos relacionados à história somente “falam” quando questionados. A rigor, a pergunta é que constrói o objeto de pesquisa. Nas palavras de Ricouer, “rastro, documento e pergunta: são os tripés do conhecimento histórico” (2007, p. 188). O documento se torna enquanto tal, somente quando procurado, encontrado, construído, instituído, questionado por um feixe de perguntas e rastreado no estudo e na análise. Documento é, pois, tudo aquilo que pode ser interrogado com a finalidade de encontrar algumas informações sobre o passado, a partir de um olhar sempre desconfiado acerca de certas afirmações cristalizadas, em que verdadeiro ou falso devem ser colocados à prova.



A memória, pode ser entendida como uma teia de subjetividades, mas também carregada de lutas humanas. Isto é, a memória constitui-se dos atos de lembrar e de esquecer, a um só tempo, produzidos socialmente. Como sintetiza Bosi, "cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento" (2003, p. 18).

O interesse dos historiadores pela memória foi em grande medida inspirado pela historiografia francesa, sobretudo a história das mentalidades coletivas que emergiu na década de 1960, abordando principalmente a cultura popular, a vida familiar, os hábitos locais, a religiosidade. Estava aí a memória coletiva implícita, embora não fosse abordada diretamente. Embora a memória, como fonte de pesquisa, tenha ganho um espaço, a história tradicional positivista, lançou dúvidas acerca do valor da memória enquanto fonte confiável na pesquisa científica.

3 MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Entender as ações humanas no tempo e no espaço, suas transformações e as alterações que esta executa no ambiente é a função da História. Stephanou e Bastos (2011) vão além e consideram a História como um campo vasto de produção do conhecimento, nutrindo-se das mais diversas teorias, abarcando a análise das fontes, suas relevâncias e dicotomias.

Nesse pensamento, ingressamos nossas considerações sobre as fontes e quais as contribuições que a memória exerce dentro da pesquisa historiográfica de documentos, materiais, orais e quais os cuidados que o pesquisador precisa quando as fontes não dizem ou não querem dizer a totalidade dos fatos, isto é, o esquecimento ou o silenciamento. A reconstrução das lembranças dos processos de escolarização, dos espaços construídos para educar e civilizar, dos mestres sertanejos pioneiros do espaço de interseção entre o noroeste mineiro e o norte goiano, mostra um esforço de sistematizar a história e a memória de mestres pioneiros-professores.

Por outro lado, a memória também está relacionada em compreender como o capital tem se servido da educação institucionalizada para produzir/reproduzir ideologias



via processo de agenciamento da memória social enquanto mecanismo de perpetuação das contradições. Ao mesmo tempo, essa mesma educação pode se apresentar, de maneira contraditória, a produção da memória social alternativa, como subversão da ordem estabelecida.

Quando nos referimos a definição de “fontes”, cabe-nos apenas o entendimento e a pesquisa das fontes em seu sentido histórico. Nesse caso não se poderia falar sobre as fontes naturais ou como coloca Saviani (2004) as fontes relativas as ciências naturais. Sendo assim, no que tange a história e a historiografia, as fontes por definição são construídas, são produções humanas de suas transformações no mundo. O autor considera que não se pode tratar as fontes como a origem do fenômeno histórico pois estas estão em sua origem, constituindo o ponto de partida para a construção historiográfica e não são em suma a história. Para Saviani:

Assim, as fontes históricas não são a fonte da história, ou seja, não é delas que brota e flui a história. Elas, enquanto registros, enquanto testemunhos dos atos históricos, são a fonte do nosso conhecimento histórico, isto é, é delas que brota, é nelas que se apoia o conhecimento que produzimos a respeito da história (Saviani, 2004, p. 29-30).

Outro ponto ressaltante da pesquisa de fontes é a denominação da “fonte” em si. Sendo um objeto construído pela ação humana, ele só pode ser considerado ou melhor, só adquire o título de fonte diante do historiador (Saviani, 2004). Diante do problema exposto, o historiador delimitará os elementos e os pressupostos teóricos com base nas questões que o objeto, já considerado por ele em fonte, disponibiliza. As fontes neste caso, não são apenas objetos da pesquisa, mas recortes e delimitações a serem analisadas. No caso das fontes para os estudos da educação o mais correto é delimitar os recortes necessários para a investigação e quais os instrumentos serão abordados na pesquisa.

Segundo Nora (1993), os lugares de memória como as instituições escolares não fazem lembrar espontaneamente, é preciso investir em suporte para recordar e para rememorar:



Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais (...). Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória (Nora, 1993, p. 13).

Silva (2015) calcado em estudo bibliográfico e levantamento em arquivos escolares, pontua alguns elementos históricos acerca da constituição da escolarização em Cascavel. O autor levanta um problema acerca da condição precária dos acervos das escolas tendo sido um dos problemas mais observados, consistindo na eliminação indiscriminada dos documentos. Destaca que o conhecimento da documentação visa levar alunos e professores a compreender a importância na reconstrução da memória institucional, chamando atenção para a valorização e preservação das fontes e dos arquivos escolares.

Conforme Fontana:

(...) Desde o início, inclusive nas manifestações mais elementares, a história teve, como memória coletiva, certas funções sociais, das quais a mais importante foi a de legitimar a ordem política e social vigente, mas cumpriu, também, a de preservar as esperanças coletivas dos oprimidos pela ordem estabelecida. Convém rejeitar a idéia de que houve tempos em que a narrativa histórica estava mais próxima da ficção, enquanto que, no presente, a veracidade e a objetividade definem o que se pode considerar 'histórico'. Os estilos mudaram, como o fizeram os mitos, mas a história continua associada às concepções sociais e aos preconceitos dos historiadores e do seu público, ainda que uns e outros tendam a acreditar, como faziam os homens do passado, que seus mitos e preconceitos são verdades indiscutíveis (Fontana, 2004, p. 11-12).

Para Silva (2016) a conexão entre o passado, o presente e o futuro levando em consideração suas manifestações em um determinado período histórico, onde o pesquisador na atualidade interroga as diversas formas de registros situados no presente, propicia diferentes deduções sobre o que as fontes desejam ou não transmitir. Dessa forma, torna-se possível uma análise historiográfica entender a pluralidade de interpretações desses objetos de estudo.



As fontes que preservam o passado relacionam-se com fatos do futuro, possibilitando que novos trabalhos de pesquisas sejam realizados visto que como afirma Silva: “quanto mais fontes forem selecionadas, organizadas e arquivadas, mais oportunidades de compreensão das transformações históricas serão oferecidas aos pesquisadores que se propõem a reconstruir a história das instituições escolares” (2016, p. 145).

Stephanou e Bastos (2011) asseguram que hoje há uma evidente ruptura nas concepções de que apenas os documentos escritos possuem valor para a pesquisa, principalmente os oficiais. Quando deixamos de lado o argumento de uma “verdade de documentos”, onde apenas alguns documentos escritos são construtores de história, podemos encontrar outros vestígios em fontes que antes eram consideradas contaminadas, tendenciosas. Trata-se das fontes orais, que para muitos historiadores e estudiosos da área não tem a mesma veracidade e autenticidade dos documentos escritos.

Ricoeur analisa as fontes orais como elos que relacionam a memória escrita e a memória dita. Para ele “Com o testemunho passa-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental” (Ricoeur, 2007, p. 170).

Surge uma aceitação da história a partir das memórias plurais, fragmentadas e sem nexos ou como o autor mesmo cita de “testemunhos”. É uma produção do conhecimento oriundos de rastros de memórias, incrustadas nos mais sombrios espaços da mente e igualmente concebidas em lembranças e reminiscências, assim como são as experiências vividas e um indivíduo ou em sua coletividade.

Shaff (1978), ao indagar a razão de sempre estarmos reescrevendo a história, considera que este processo deve-se basicamente em função das necessidades do presente e dos efeitos dos acontecimentos do passado no presente:

A primeira explicação da reinterpretação da história está em relação com as posições do presentismo e é principalmente defendida pelos representantes desta corrente (...) o presentismo levado às últimas conseqüências conduz à negação da verdade histórica objetiva, e, portanto, à negação da história como ciência (Shaff, 1978, p. 270).



Silva (2016) assinala que a preservação das fontes dessas ganha notoriedade quando inseridas dentro de um contexto social e histórico, trazendo manifestações de grupos sociais específicos. Isso torna relevante a compreensão da história da educação de uma sociedade, visto que os grupos sociais e as fontes escolares estão intrinsecamente relacionando.

É possível ver, quando adentramos em almoxarifados e arquivos de escolas as condições precárias de conservação dos documentos que contam suas origens, quando existem documentos a serem guardados. É sabido que os documentos somente falam se lhes pedem que confirmem. A rigor, a pergunta constrói o objeto de pesquisa. Nas palavras de Ricoeur: “Rastro, documento e pergunta: são os tripés do conhecimento histórico” (2007, p. 188).

Le Goff (2013) faz uma advertência aos historiadores quando estes se deparam com o esquecimento das fontes. Para ele é preciso escrever a história do que não existe ou que de alguma forma foi esquecido ou manipulado. Se há lacunas na história, dessa maneira, sendo intencionais ou não, devem ser historiadas:

Falar dos silêncios da historiografia tradicional não basta; penso que é preciso ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos (Le Goff, 2013, p. 109).

Na perspectiva da História das mentalidades, o historiador da educação precisa ter disposição para incorporar novos objetos, recorrer a fontes menos ortodoxas, incorporar outros saberes aos da história e articular-se com pesquisadores de outras áreas, como antropologia, psicanálise, análise do discurso, literatura. Entendendo que até hoje a história tem sido o registro do vencedor, apresenta o desafio de se buscar a história dos vencidos - através da qual o historiador aprenderá que a história poderia ser diferente do que foi, que há no histórico "outros possíveis" que não se realizaram (Lombardi, 1993).



O francês Pierre Nora (1993), que também aborda a distinção entre a memória e a história, afirmando que a categoria memória deixou de existir porque passou a ser reivindicada pelo discurso histórico. Para Nora, a memória tornou-se objeto da história, sendo por essa filtrada. Consoante Nora, memória e História se opõem em vários aspectos:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências de repentinas revitalizações. A História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente a história, uma representação do passado (Nora, 1993, p. 9).

Ainda segundo Nora, fala-se muito em memória atualmente, porque a memória já não existe e tudo aquilo que se considera memória é para Nora, história. Este esfacelamento ocorre devido a processos como a mundialização, a massificação, a democratização e a midiaticização. Seria necessário, portanto, segurar traços e vestígios, fazendo uma oposição ao efeito devastador da contemporaneidade. Para o historiador francês, como não existem mais os meios de memória, seria preciso criar os lugares de memória, locais onde a memória pudesse cristalizar-se e perpetuar-se.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, faz jus a reflexão da importância e preservação das fontes e arquivos que guardam a história da educação regional. Em face deste cenário alguns desafios se colocam aos historiadores da educação: a necessidade de envidar esforços na criação dos centros de memórias locais e na organização; organização e valorização dos arquivos escolares e organização da rede regional de pesquisadores e divulgadores sobre a história e memória da educação.

Abarcar a memória como objeto norteador da pesquisa historiográfica torna o trabalho do historiador da educação fundamentado socialmente. Outro fator diz respeito a postura do pesquisador diante do esquecimento, visto que em muitos casos, a história está



presente também naquilo que não está sendo dito. A pesquisa dos grupos escolares neste sentido, ganha vulto na pesquisa das fontes e no compromisso com a sociedade. A memória é fonte da história e, ao mesmo tempo, instrumento de subversão, de resistência, de poder.

Faz-se necessário, neste prisma a relação de comprometimento do historiador com as fontes, tendo em vista que o trabalho por vezes é árduo e cansativo. Pesquisar a constituição dos grupos escolares, analisando os determinantes políticos, sociais e econômicos que influenciaram na formação dessas instituições abre caminhos para novas investigações, contribuindo para as pesquisas em História da Educação.

Fomentar as discussões a respeito dessa modalidade de ensino, que, apesar de ter ganho espaço expressivo dentro do meio acadêmico nas últimas décadas ainda é um campo pouco explorado. Este esforço abre indagações que propiciam novas investigações referentes ao processo de desenvolvimento social e educacional dessas instituições e possibilitam um diálogo entre a academia e a comunidade.

Por fim, consideramos que a importância da pesquisa de fontes e arquivos escolares não limita-se aos interesses do meio científico, devendo estender-se a toda a comunidade. É de suma importância que a sociedade compreenda, conheça e preserve sua memória educacional, reconhecendo a escola como um espaço de memória e um patrimônio histórico e cultural. Quando a pesquisa alcança a sociedade, ela deve ser entendida como um compromisso diária de preservação desse patrimônio, onde pesquisadores e agentes escolares devem garantir a manutenção e cuidado com as fontes historiográficas da escola.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.



DE PAULA, S. F.; SILVA, J. C. da. História e Memória no Oeste Paranaense: estudo preliminar sobre os Grupos Escolares de Medianeira (1952-1964). *In: BUENO, A. et al. [ORG.]. Aprendizagens Históricas: história do ensino. União da Vitória/Rio de Janeiro: LAPHIS/Edições especiais Sobre Ontens, 2018. E-Book. ISBN 978-85-65996-55-6.*

Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1tATCRgZIMnnp3X1U3Ejtlq7ucXuOdhyll/view>. Acesso em: 10 jul. 2018.

FONTANA, J. **A história dos homens**. Bauru: Edusc, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

IZQUIERDO, I. **Memória**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2014.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.] v. 10, 1993.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SAVIANI, D. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. *In: LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas. Autores Associados, 2004.

SCHAF, A. **História e Verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

SILVA, J. C. da. História e Memória na Região Oeste do Paraná: Fontes e Arquivos. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 11, n. 27, p. 133-148 jan./abr. 2016.

SILVA, J. C. da. História e memória educacional na região oeste do Paraná. **Interfaces Científicas - Educação**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 87-100, 2015.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. História, Memória e História da Educação. *In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. Histórias e memórias da educação no Brasil-Vol. III: Século XX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

Recebido em: 28-08-2023

Aceito em: 16-10-2023



NOTAS

ⁱ No conjunto da produção intelectual sobre a temática, o referencial teórico-metodológico em sua maioria está subsidiado nos teóricos ligados a escola dos Analles, mais especificamente a partir das formulações de Michel de Certeau, Roger Chartier. Seus formuladores discutem a memória como estudo biográfico no sentido de valorizar os excluídos da história, apresentando múltiplas e diferenciadas conexões teóricas com maior inclinação uma posição mais heterodoxo, com utilização de teorias e metodologias de diferentes origens e filiações. Outros autores também ganham destaque buscando relações entre história e memória, Adam Shaff, Pierre Nora, Edward Thompson, Eclea Bosi. Marx e demais autores ligados ao materialismo histórico-dialético, pouco são referenciados nesta discussão. Nesta linha teórica metodológica, o historiador inglês Eric Hobsbawm destaca-se como referencia importante

ⁱⁱ A mesorregião Oeste do Paraná é um vasto território, formado por municípios que em sua maioria, originaram-se da colonização a partir dos imigrantes sulistas durante o século XX, vindo de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Assim, como a urbanização fizeram parte do intuito de desenvolvimento dos imigrantes, a educação também ganhou espaço, de forma branda, mas essencial às necessidades de escolarização dos filhos, sendo a gênese dessa modalidade de ensino denominada de grupos escolares.

ⁱⁱⁱ O HISTEDOPR é um grupo de pesquisa em "História, Sociedade e Educação no Brasil", com sede na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE -, na Região Oeste do Paraná. Está vinculado ao Grupo de Pesquisa em "História, Sociedade e Educação no Brasil" - HISTEDBR - (www.histedbr.fae.unicamp.br), que tem abrangência nacional e organiza-se por meio de Grupos de Trabalho (GTs) regionais. O HISTEDOPR tem como um de seus principais objetivos, promover o "Levantamento, a Organização e a Catalogação de Fontes Primárias e Secundárias para a História da Educação na Região Oeste do Paraná", contribuindo assim, com os demais grupos que integram o HISTEDBR, para ampliar o levantamento, a organização e a catalogação das fontes em âmbito nacional.

^{iv} Em *Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia*^{iv}, organizado pelos historiadores Ronaldo Vainfas e Ciro Flamarion Cardoso, importantíssimo para compreender os assuntos metodológicos do trabalho com a História, particularmente com o fazer histórico no Brasil, classifica como *Territórios do Historiador*, grandes campos: História Econômica, História Social, História e Poder, História das Ideias, História das Mentalidades e História Cultural.

